



A Inteligência contra os Insurretos em uma Guerra Prolongada

A Experiência Britânica na Irlanda do Norte

Brian A. Jackson, PhD

A HISTÓRIA MOSTRA QUE os insurretos empregando armamento convencional podem sustentar uma campanha violenta contra as forças do Estado por um longo período. A vitória contra os insurretos raramente provoca sua destruição completa nos campos de batalha e, considerando o fato de que essas pessoas encontram-se misturadas com a população, torna-se mais difícil de serem capturadas. Em muitos conflitos recentes, as organizações de insurretos, com alta capacidade de adaptação e de esconderijo, desafiaram nações e em alguns casos impediram que alcançassem objetivos de sua Política Externa.

Depois de termos visto a eficácia das Nações Unidas em operações rápidas e decisivas contra oponentes armados de forma convencional, futuros adversários dos norte-americanos certamente passaram a se utilizar táticas não convencionais, sendo esses oponentes representados por insurretos ou simples forças no país, buscando a vantagem em um combate diferente. Porém, no contexto atual, a habilidade de vencer um combate contra insurretos constitui-se em um importante elemento para uma Força Nacional.

Como temos observado no Iraque, as organizações militares ao aperfeiçoarem sua eficiência em operações rápidas e decisivas no combate aos insurretos passam por um período na curva do aprendizado. As operações eficientes contra insurretos são o oposto da rapidez e decisão: essas operações são lentas e deliberativas; o sucesso chega com o uso paciente da segurança e não com a rapidez de outros tipos de enfrentamento; e o apoio político aos combatentes talvez seja o caminho mais rápido para a vitória, e não, o enfrentamento. Uma campanha eficiente contra insurretos requer, com frequência, uma mudança significativa da perspectiva para se vencer os desafios inerentes a esse tipo de guerra e para se selecionar os instrumentos adequados à superação desses desafios.

Quando são necessárias informações para identificar o inimigo, determinar como neutralizar ou isolá-los, bem como para conduzir ações de segurança em todos os aspectos de um conflito, a

Foto: Um soldado britânico captura um protestante católico durante uma marcha pelos direitos civis em 30 de janeiro de 1972, em Londonderry na Irlanda do Norte. O evento ficou conhecido como o Domingo Sangrento, pois os soldados britânicos mataram 13 civis e feriram uma série de outros.

AFP

Doutor Brian A. Jackson é físico cientista da Corporação RAND, em Santa Mônica na Califórnia. Ele conduz pesquisas sobre segurança do país e terrorismo. É doutor em química bio-orgânica, pelo California Institute of Technology, Pasadena. Agradecimentos a David Frelinger e Tom McNaugher da Corporação RAND por seus comentários nas primeiras versões desse artigo.

inteligência é vital – talvez, o mais importante instrumento para um combate efetivo contra insurretos. A necessidade de uma abordagem de inteligência, diferente daquela utilizada no combate convencional, representa um desafio adicional para as organizações militares no combate contra insurretos. Simplesmente, empregar uma abordagem pré-estabelecida a um contexto, em uma situação diferente, pode dificultar e não levar ao sucesso da missão.

Essas atividades paralelas também permitiram que uma mesma fonte provesse a mesma informação para múltiplas agências de inteligência e, como as agências não compartilhavam dados, os múltiplos relatos da mesma informação eram interpretados de forma independente, ao contrário, da análise de uma única fonte recebendo dados de múltiplos contatos.

Aprendendo com os Britânicos

Um estudo de casos na história pode, algumas vezes, oferecer uma nova perspectiva sobre problemas atuais e aperfeiçoar o desempenho de organizações. Um exemplo citado frequentemente é a experiência britânica na Irlanda do Norte, particularmente no combate contra o Exército Provisório da República Irlandesa (EPRI) ou, como é mais conhecido, Exército da República Irlandesa (Irish Republican Army – IRA) que começou em 1969.¹ Muitas outras organizações terroristas estavam presentes no norte irlandês naquele momento, porém o EPRI era a força mais potente e desafiadora.² O EPRI podia ser definido como uma organização sofisticada, sendo o grupo liderado pela inteligência em razão de sua capacidade e precisão nas operações.³ Recentemente, após a elaboração de um relatório completo do Grupo de Desmobilização, essa organização teve sua campanha encerrada.

Em comparação com outras nações que enfrentaram insurretos, o Reino Unido já possuía experiência de combate contra esse tipo de inimigo e contra o terrorismo, quando enfrentou ações dessa natureza ocorridas na Irlanda do Norte. Alguns dos conflitos anteriores contra insurretos também são usados como exemplos de eficiência neste tipo de combate. Porém, apesar dessa experiência, o conflito na Irlanda do Norte não começou satisfatoriamente ou aconteceu conforme planejado. A precariedade das operações de inteligência constituía o problema central desse conflito, conforme relatado pelo historiador Chris Ryder, “a principal deficiência estava na busca de dados de inteligência, conforme disse o Chefe do Estado-Maior que visitou a Irlanda do Norte em 1971”.⁴

No contexto do conflito contra insurretos, a inteligência oferece a visão estratégica necessária para se conhecer quais ações serão efetivas e qual o nível de enfrentamento ideal. Em termos da visão tática, provida pelas operações de inteligência, essas podem fornecer as informações necessárias para que se atinja os insurretos quando do emprego da ação militar e o contexto necessário para entender as questões políticas mais abrangentes, além dos outros efeitos das atividades de segurança em potencial. Análises militares de outros aspectos dos conflitos na Irlanda do Norte ressaltam problemas em cada uma das seguintes áreas:

- desentendimento, engano ou falta de entendimento entre os líderes políticos sobre as causas da violência;⁵
- expectativa irreal sobre o tempo necessário para resolver a situação;⁶
- atalhos táticos de inteligência que conduziram a uma ação mais benéfica para o EPRI do que para o avanço na luta contra o mesmo;⁷ e
- falhas na análise de como as ações ofensivas, inclusive as bem sucedidas de operações especiais ou de organizações de inteligência, poderiam ter reflexos na área política e em outras esferas.⁸

No decorrer do conflito, organizações de inteligência e segurança adaptaram-se, estudando os efeitos de suas ações e aprendendo, a partir do enfrentamento.⁹ Com o tempo, elas se tornaram extremamente bem sucedidas, coerente com a natureza das operações de combate

contra insurretos, quando o êxito não se traduz em resultados tradicionais das ações militares como pequenas batalhas vencidas ou com um certo número de soldados mortos. Ao contrário, os êxitos se medem pela conexão efetiva das atividades de segurança dentro do conflito político e pela redução drástica da liberdade e da eficiência do EPRI. Em um reconhecimento, o combatente pode pagar pelos esforços de inteligência de seus oponentes. Um integrante do EPRI, Brendan Hughes, afirmou que os esforços da inteligência “colocaram o EPRI, efetivamente, em uma situação na qual ele podia movimentar-se muito pouco.”¹⁰

A totalidade da experiência britânica na área de inteligência na Irlanda do Norte, tanto no que se refere ao sucesso quanto ao desafio, tornaram num exemplo tão valioso, realçando-se suas operações no contexto de combates contra insurretos na atualidade.¹¹ Se as experiências britânicas tivessem sido empregadas no princípio dos confrontos contra o EPRI, o valor dessa operação na Irlanda do Norte teria sido de menor monta. Em função da capacidade de adaptação dos grupos de insurretos e das especificidades do local de atuação, toda operação contra insurretos demanda um período de adaptação do componente militar e das organizações de inteligência. As unidades devem adaptar-se para o combate, aplicar os instrumentos corretos para a coleta e análise de inteligência e usá-la efetivamente contra os insurretos. A experiência britânica oferece lições em todas essas áreas.

Construindo as Estruturas de Coordenação Adequadas

Inúmeras organizações estiveram envolvidas nas operações de inteligência contra o EPRI. No começo, o Distrito Militar Real do Ulster (Royal Ulster Constabulary – RUC), do qual se esperava que fosse coletar as informações de inteligência para prevenir o terrorismo, não estava em condições de conduzir tais atividades. Esse fato levou o Exército Britânico a intervir na Irlanda do Norte, forçando suas organizações de inteligência a liderar aquelas atividades.¹²

Na medida em que o conflito tornava-se mais intenso, muitas unidades de inteligência, incluindo unidades militares, de imposição da lei e agências de inteligência envolveram-se no

combate. Posteriormente, outras organizações nacionais iniciaram as operações de coleta de inteligência política, como por exemplo, o MI5 – Serviço de Segurança e o MI6 – Serviço de Inteligência Secreta.¹³ Em um esforço para descrever a configuração da organização de uma atividade do campo de inteligência, na Irlanda do Norte, Mark Urban elenca uma lista de aproximadamente 20 unidades que foram formadas ou evoluíram para outra entre 1969 e 1983.¹⁴ Muitas foram acrescidas para ampliar suas possibilidades de ações de inteligência.¹⁵ Entretanto, como novas agências, as unidades envolveram-se nas operações, sendo que nenhuma tentativa de vulto foi feita para que houvesse entrosamento entre elas, no sentido da obtenção de um esforço de inteligência coordenado e unificado. Tal fato não surpreende, considerando que, para se unificar as ações desses grupos necessita-se de tempo e de iniciativas, o que implicaria na redução do tempo disponível para a realização de ações contra o adversário.

Além disso, iniciativas envolvendo várias organizações normalmente geram conflitos entre as agências, dificultando a possibilidade de coordenação.¹⁶

A falta de coordenação inicial acarretou custos para as operações. Uma integração fraca mostra que as equipes e suas capacidades não foram utilizadas adequadamente. Por exemplo, Ryder escreveu que: “Em um mau entendimento de seu papel, o Serviço Aéreo Especial foi usado, equivocadamente no início, tendo suas habilidades sido desperdiçadas porque um Comandante de Infantaria não sabia como fazer um melhor uso das mesmas.”¹⁷ A falha, ao compartilhar a informação, representava um problema, quando a força de segurança respondia a um incidente sem ter a informação necessária para defender-se ou proteger-se. Por exemplo, não compartilhar as informações de inteligência sobre as características das granadas do EPRI com oficiais do Centro de Distribuição de Explosivos, que são os responsáveis para atender esses tipos de incidentes, resultou na morte de alguns desses oficiais.¹⁸

Os esforços de inteligência paralelos, desempenhados por organizações independentes também tiveram pouca eficiência. Devido às

preocupações com a segurança, oficiais de serviço em áreas próximas desenvolveram seus próprios recursos de inteligência, sem atentar para o apoio de policiais que eram residentes permanentes nessas áreas.¹⁹ Tais esforços produziram atividades classificadas como de segurança, mas que dificultaram as ações de compartilhamento e coordenação ainda mais. Ryder disse que: “Mais hostilidade foi causada quando o material do Exército foi definido como material classificado apenas para o Reino Unido, negando a supervisão do Distrito Militar Real do Ulster”²⁰

Essas atividades paralelas também permitiram que uma mesma fonte provesse a mesma informação para múltiplas agências de inteligência. Como as agências não compartilhavam dados, os múltiplos relatos da mesma informação eram interpretados de forma independente, ao contrário, da análise de uma única fonte recebendo dados de múltiplos contatos.²¹ Os problemas na coordenação das agências também geraram falta de compromisso das fontes, dificultando ainda mais a capacidade de todas as agências coletarem informações.²²

Apesar de se ter levado anos para coordenar as agências, mecanismos foram desenvolvidos e implementados para enfrentar o desafio da coordenação.²³ Mudanças incluíram a centralização do comando e o controle das atividades de segurança, incluindo a designação de um “Superior de Inteligência” e a constituição de um sistema de coordenação.²⁴ Uma questão chave nessa mudança foi o desenvolvimento de grupos tarefa e de coordenação, que reuniram atividades táticas e várias organizações envolvidas na luta pela inteligência. De acordo com Urban, “esses grupos desempenham um papel fundamental, tendo sido denominados pelos chefes de segurança de “executores de ações” – combinando inteligência de informantes com atividades de sobrevivência e emboscada de unidades disfarçadas.”²⁵

Enquanto essas estruturas são necessárias para reunir as informações produzidas em operações executadas por diferentes organizações, elas também propiciam o controle. Esses esforços limitaram a duplicação de dados e ajudaram na solução de conflitos entre as ações de várias organizações, garantindo que as operações não

interferissem umas nas outras.²⁶ Tais estruturas também são necessárias para concentrar a eficácia das operações de inteligência. As diversas capacidades oriundas de diferentes agências no combate somam, apenas, se puderem ser utilizadas ou consideradas quando necessário.²⁷

O Instrumento Correto na Coleta de Dados de Inteligência

Qualquer esforço de inteligência deve ser em busca da coleta de informações. Porém, a natureza da missão de combate contra insurretos desafia as formas tradicionais de se coletar dados de inteligência, especialmente contra elementos de uma organização pequena de insurretos, no âmbito de uma grande população civil.

A coleta de inteligência geralmente é considerada uma atividade diferente, na qual os instrumentos específicos de inteligência são usados para coletar dados, para análise e aplicação. A missão da inteligência no combate contra insurretos dispõe de elementos que se encaixam rapidamente nessa visão. Por exemplo: o emprego ou exploração dos informantes infiltrados requer a mesma proteção e compartimentação que a prática convencional de inteligência o faz. Informantes dentro do EPRI foram fundamentais nos esforços do combate contra os insurretos e desempenharam um papel importante na luta da inteligência.

Sendo assim, a experiência britânica na Irlanda do Norte no combate contra insurretos ilustra como a combinação de esforços de inteligência diverge de seus métodos convencionais. O limite da disponibilidade de fontes clandestinas leva ao desenvolvimento de novos meios de coleta de dados. A eficiência dessas outras fontes depende da relação dos especialistas de inteligência com as outras partes do sistema de segurança e, até mesmo, com a população da área onde operam os insurretos.

Instrumento 1: A coleta de inteligência nos menores escalões

Os informantes e o pessoal infiltrado podem disponibilizar informações relevantes, ainda que, talvez, não sejam em número suficiente para enfrentar um combate mais prolongado



AP

Um soldado britânico armado patrulha uma rua em Belfast, na Irlanda do Norte, em fevereiro de 1972.

contra os insurretos. Como complemento da coleta de inteligência de escalão superior, as várias fontes que provêm muitos dados de inteligência nos escalões subordinados, quando somados, podem prover uma fotografia global das operações de insurretos.²⁸ Essa observação, atribuída ao General Sir Frank Kitson, requer uma abordagem de coleta de informação que seja híbrida para os enfoques das agências de informações da inteligência militar, da polícia e da inteligência tradicional.

A construção de uma inteligência no escalão inferior foi particularmente importante contra os grupos, como no caso do EPRI, que adotava uma descentralização com o propósito de se manter em segurança.²⁹ As forças de segurança britânicas foram praticamente bem sucedidas, eliminando outros grupos de terroristas que operavam na Irlanda do Norte, utilizando uma estrutura centralizada. Keith Maguirre disse que: “A habilidade das forças de segurança britânicas para destruir qualquer grupo, permitiu que fosse possível à identificação da geografia

de unidades inteiras. No caso do Exército de Libertação Nacional Irlandês (INLA) ou do Comando Mão Vermelha, uma falha levou a identificação da totalidade da liderança da organização e até mesmo de todos os seus integrantes em poucos meses.”³⁰

De onde vem a força das operações de inteligência nos menores escalões? A principal fonte são as forças de segurança que fazem a atividade de observação e interação com os integrantes da população.

• **Cada soldado como elemento de busca de informações.** A coleta direta de informações nos menores escalões das forças de segurança confia nos olhos e nos ouvidos de toda a sua tropa e não apenas nos da força de inteligência.³¹ Considerando que os insurretos e terroristas se misturam com a população, estar familiarizado com as atividades normais da população permite que se identifique quando existe alguma alteração relacionada com as ações dos insurretos. Dessa forma, para os oficiais da Polícia de Patrulha Comunitária, essa

estratégia usa a capacidade individual de se observar as atividades normais em sua área de atuação e, assim, aplicar sua própria avaliação para identificar as atividades que precisam ser acompanhadas de perto.³²

Na Irlanda do Norte, as tropas realizaram essa estratégia exaustivamente com o “constante patrulhamento a pé que permitia a tropa conhecer e se familiarizar com as atividades da área e, dessa forma, obter informações sobre o contexto.”³³ As patrulhas foram treinadas para observar mais os elementos-chaves, como identificar insurretos suspeitos cuja posição ou atividades tivessem um interesse especial, aumentando, em consequência, as informações da inteligência coletada.³⁴ Para que essa estratégia seja eficaz, as várias peças da informação coletada devem ser grupadas de modo a atender as necessidades de inteligência em todos os níveis, desde a necessidade de informação para atender uma operação tática até a elaboração de uma síntese de dados para orientar as direções estratégicas sobre todo o conflito.³⁵ Os britânicos confiavam plenamente nas reuniões para as críticas após a realização das patrulhas (*debriefing*), buscando coletar informações e montar o quebra-cabeça do conflito com base nas informações obtidas pela inteligência.³⁶ Em “O Exército Britânico no *Ulster*”, David Barzilay escreveu – “Uma patrulha não pode nunca terminar na porta da entrada da base. Devemos pegar uma xícara de chá, um cigarro e ir para um ambiente relaxado, quando, então, a patrulha vai escrever cada aspecto de informação relevante para ser repassado à seção de inteligência da companhia.”³⁷

Como os soldados podem realizar a coleta eficientemente, individualmente ou no âmbito das unidades, as práticas militares com padrões de roteiros comprimidos de serviço e de rodízio no patrulhamento podem dificultar esta estratégia. O conhecimento detalhado do local só pode ser adquirido com o decorrer do tempo. A mudança dos soldados no final de suas missões nos tira da realidade de se atingir os desejáveis níveis de alta eficiência.

No começo dessas atividades, os militares britânicos adotaram algumas medidas para auxiliar na transferência de conhecimentos entre

as unidades envolvidas, por ocasião de seus rodízios, em suas áreas de atuação. De acordo com Michael Dewar, “Durante os primeiros anos, os batalhões saíam precipitadamente da área de emprego com pouco ou nenhum conhecimento do local ou das formas como os governos ou os militares reagiam face aos eventos.”³⁸ Com o tempo, para auxiliar na passagem de informações, o Exército desenvolveu um processo sobrepondo o comando e funções especiais de militares dos batalhões que chegavam com as mesmas das unidades que já estavam operando.³⁹ Tais medidas, permitiram a inversão da vantagem dos insurretos, passando as tropas a operar com um maior conhecimento do local.

• **Pense na pessoa primeiro.** Mesmo sendo possível coletar todas as informações que os soldados escutam ou observam no contexto do combate contra insurretos, sempre existirão áreas em que as forças de segurança não conseguem penetrar. Sendo assim, a operação contra insurretos deve se estender também aos ouvidos dos observadores da área e da população como um todo para obtenção de informações sobre onde se escondem os insurretos. Conforme a população se desloca em suas atividades diárias, ela certamente observa atividades e ouve informações que possuem um valor incalculável para as forças de segurança.

Na Irlanda do Norte, a população de um modo geral proveu dados importantes em muitas oportunidades. Algumas informações chegaram via um sistema telefônico confidencial disponibilizado pelas forças de segurança.⁴⁰ A interação direta entre membros da população e das forças de segurança, com frequência, foi fundamental para conseguir esse tipo de inteligência.⁴¹ Com interações regulares com as forças de segurança, como por exemplo, em pontos-chaves, alguns indivíduos tinham oportunidade de passar, esporadicamente, informações de inteligência para nossos agentes.⁴² Em contextos como esse, a coleta de informações depende ainda mais de indivíduos de fora das organizações de inteligência ou com essa especialidade. A natureza da relação entre a população e os militares individualmente pode determinar o sucesso da missão. Para se certificar de que cada ação dos soldados

fosse coerente com as metas gerais, eles foram treinados para atuar com cortesia, porém com firmeza. Aos poucos se compreendeu que a forma de comportamento fazia uma grande diferença no resultado alcançado. “A firmeza era aceitável, porém, a aspereza não.”⁴³

Para possibilitar a interação e troca de informações entre a população e as forças de segurança, os soldados precisavam falar o idioma da população. Na Irlanda do Norte tal fato não era um problema como é o caso no Iraque, em que os membros das forças de segurança que falam o idioma são fundamentais. Se um membro da população não consegue se fazer entender quando aborda um soldado, ele provavelmente não irá aguardar por uma nova oportunidade para encontrar um soldado que fale seu idioma.

• **A opinião pública direciona a coleta de informações.** Em uma operação de combate contra insurretos a imagem é importante. A probabilidade da população prover informações valiosas depende da percepção que ela tem das forças de segurança e de suas atividades. Se por exemplo, os cidadãos acreditam que eles não vão ser protegidos contra a violência, sua vontade de colaborar com as autoridades será reduzida.⁴⁴ Quando insurretos ou terroristas adotam uma postura que é percebida como brutal ou imperdoável pela população de um modo geral, tende a liberar informações, apesar do medo. Porém, confiar apenas nos erros táticos dos adversários para conseguir a fluência de dados de inteligência não é o suficiente em um combate efetivo contra insurretos.

As ações também importam. Quando as ações das forças de segurança parecem inadequadas ou repressivas, a confiança da opinião pública pode ser rapidamente perdida. O interrogatório de suspeitos constitui-se em um bom exemplo. Quando por ocasião de sua execução, na busca de informações sobre atividades de inteligência, a forma como se conduz o interrogatório publicamente é muito importante.⁴⁵ Se sua execução com os insurretos for extremamente agressiva, eles irão usá-las em suas propagandas. Esse foi certamente o caso na Irlanda do Norte quando tais práticas foram chamadas de “interrogatório aprofundado, em que se revelou uma grande quantidade

de informações durante a guerra na qual a inteligência era necessária. Mas o sucesso em uma operação contra insurretos não pode ser medido apenas pelo desempenho militar. A questão do interrogatório constituiu-se em um fator de perda política para as forças de segurança e de vitória para o IRA.”⁴⁶

A coleta direta de informações nos menores escalões das forças de segurança confia nos olhos e nos ouvidos de toda a sua tropa e não apenas nos da força de inteligência... essa estratégia usa da capacidade individual de se observar as atividades normais em sua área de patrulha e, assim, aplicar sua própria avaliação para identificar as atividades que precisam ser acompanhadas de perto.

O valor da informação obtida, depois do uso do método do interrogatório intenso, deve ser substituído por outros métodos que usem a cooperação voluntária por parte da população.⁴⁷ Uma percepção negativa também pode provocar reações políticas que limitam a capacidade de obtenção de dados de inteligência. Tony Geraghty nos disse que: “a tempestade política, causada pela prática de interrogatórios, resultou na imposição de limites oficiais para o interrogatório, fato que foi usado como um prêmio militar para o IRA.”⁴⁸

De forma semelhante, ações adotadas pelas forças de segurança que afetam a população em geral devem ser avaliadas no contexto de sua influência no âmbito da opinião pública. Apesar de operações de ampla escala como as de “busca e apreensão” poderem servir para coletar informações em extensas áreas habitacionais, elas, com frequência, restringem o público e inibem sua cooperação. Limitando operações abrangentes e usando outros métodos de coleta de informações, podem pagar dividendos em termos da opinião pública.⁴⁹



AP

Integrantes da Polícia Real Ulster removem um manifestante católico das muralhas de Londonderry, na Irlanda do Norte, antes do início do desfile de Aprendizes Protestantes em 12 de agosto de 1995.

Instrumento 2: Operações e Unidades Especializadas

Enquanto os esforços abrangentes para coletar dados de inteligência podem chegar a muita informação útil, outros métodos demandam instrumentos mais especializados. Alguns dos métodos usados em operações de inteligência na Irlanda do Norte eram bastante simples em seu conceito. Por exemplo, os Pontos de Controle Inopinados (Snap Checkpoint) foram usados para coletar informações sobre o movimento de pessoas e de veículos.⁵⁰ De modo semelhante, as operações de “Parada e Busca” (Stop and Search) de indivíduos em áreas de risco contribuíram para a coleta de alguns tipos de informação de segurança.⁵¹ Outras operações eram mais complexas e exigiam unidades com habilidades especiais para executá-las.

Os postos de observação (PO) representaram a parte mais importante na luta de inteligência. Alguns desses PO eram abertos e ostensivos, como por exemplo, o posto no topo do Divis Flats, a oeste de Belfast, onde observadores continuamente vigiavam as ruas usando binóculos de alta potência e de visão infravermelha, à noite.⁵²

Postos de observação sigilosos, complementados por patrulhamento disfarçado, foram também usados em áreas problemáticas para permitir o monitoramento por um período mais prolongado.⁵³ Nesses PO, a permanência do pessoal ajudou na obtenção de um conhecimento rotineiro sobre o local, tornando fácil para o observador identificar qualquer alteração no setor de atividades do EPRI. De acordo

com Barzilay: “Cada vez que um posto de observação era mudado de local, os mesmos fuzileiros navais assumiam a mesma posição e todas as funções de observação, de modo a se familiarizarem com as rotinas do dia-a-dia como com o carteiro, o entregador de jornal, o garoto que abria e fechava o comércio. Dessa forma, cada fuzileiro se familiarizava com as pessoas e o local, e assim, podia identificar mudanças na rotina.⁵⁴

A observação ostensiva foi desafiante. Em vizinhanças menores, os estranhos podiam ser facilmente identificados e rapidamente geravam desafios, dificultando o andamento de atividades estáveis de monitoramento. Isso demandava o desenvolvimento e o emprego de uma ampla variedade de equipes especializadas com treinamento para a observação de indivíduos, além de outros métodos para coleta de dados de inteligência. Grupos como os da 14ª Companhia de Inteligência, observadores especiais dos pelotões, a unidade E4A do Departamento de Polícia e forças especiais britânicas (special AIN service-SAS) participaram em diferentes situações na luta da inteligência na Irlanda do Norte. Algumas equipes militares de inteligência operavam em extensos roteiros (comparados com rodízios menores de outras unidades) para prover a continuidade e permitir que se obtivessem conhecimentos específicos e especializados sobre o local.⁵⁵ Dispondo-se de unidades monitorando as áreas e de indivíduos atuando sigilosamente, se pode obter dados de inteligência adicionais, pelo emprego de operações do tipo desafio/resposta, essas ações ostensivas, executadas pelas forças de segurança, foram combinadas com observações com suficiente proximidade, para capturar, qualquer atividade do EPRI ou para conduzir ações defensivas por meio de elementos ostensivos. (Overt).⁵⁶

Instrumento 3: Técnicas Flexíveis

Enquanto os serviços de segurança britânicos desenvolveram amplos esforços de inteligência que confiavam na observação direta e na coleta de informações por indivíduos, tais operações sempre tiveram um grau de risco. Entretanto, instrumentos técnicos foram necessários para

prover formas alternativas e complementares para a coleta de informação. Tais instrumentos ou métodos também constituíram uma importante força multiplicadora, pois freqüentemente não eram suficientes para prover operações de monitoramento que satisfizessem as necessidades da missão.⁵⁷

As estratégias aplicadas na Irlanda do Norte incluíam métodos tradicionais, como por exemplo, sensores aerotransportados com televisão ao vivo, fotografias sofisticadas e sistema de infravermelho de detecção.⁵⁸ Outros instrumentos desempenharam um importante papel como aparelhos de escuta, telefones leves, câmeras escondidas, detectores de movimento, bem como tecnologia de comunicação que

Se... os cidadãos acreditam que eles não vão ser protegidos contra a violência, sua vontade de colaborar com as autoridades será reduzida.

detecta qualquer interferência.⁵⁹ Uma grande variedade de meios foi usada em áreas de particular interesse, como em zonas em que o EPRI movimentava-se pela fronteira na Irlanda do Norte para toda a República da Irlanda, inclusive nos túneis subterrâneos onde havia suspeita de operações terroristas.⁶⁰

Os esforços de monitoramento técnico também foram adequadamente adaptados para as operações contra os insurretos. As tecnologias foram alteradas para a missão, e não ao contrário, quando aumentaram os esforços da coleta em vez de se determinar como deveria ser feito. Como exemplo, a tarefa crítica de identificação e monitoramento de atividades do EPRI representava uma abordagem fotográfica de uma iniciativa de monitoramento, sendo aplicada de forma análoga a que deve ser usada pelas agências policiais e diferentemente do usado tradicionalmente para a coleta de informações.

As fotografias de terroristas suspeitos e o seu uso para identificar possíveis aliados constituíram-se em uma atividade crítica para identificação de pessoas que podiam ser

recrutadas como agentes de informação.⁶¹ Quando as forças de segurança identificavam uma área que membros de grupos de insurretos usavam, como local para guardar armamento, residências ou prédios comerciais, as forças de segurança freqüentemente monitoravam tais locais com vídeo e áudio por longos períodos, como um esforço para identificar terroristas e aqueles que lhes davam apoio.⁶²

O “transmissor de movimentos” foi outro instrumento útil para as atividades de inteligência no monitoramento do EPRI, ajudando as forças de segurança no mapeamento do movimento de veículos ou materiais da infra-estrutura terrorista. Os aparelhos de transmissão em veículos permitiram monitorar-se a posição de um carro, com informante ou suspeito, em vários locais na Irlanda do Norte. O mapeamento dessas áreas ajudou a identificar locais que deviam ser monitorados mais detalhadamente.⁶³ Na metade dos anos 70, o aprimoramento da tecnologia tornou possível colocar dissimuladamente, aparelhos de rastreamento semelhantes as armas e explosivos, descobertos em esconderijos de armas EPRI.⁶⁴ Na prática conhecida como “jarking”, foi possível monitorar o aperfeiçoamento dos armamentos, identificados por meio de um sistema logístico. Quando foram produzidos aparelhos capazes de capturar áudio, eles também foram usados para se escutar conversas próximas dos armamentos.⁶⁵

A Correta Capacidade para Uma Análise

Os diversos métodos de coleta de informações usados contra o EPRI respondem à solicitação de Kitson, quanto à maioria das informações geradas pelos menores escalões a respeito dos insurretos e de suas atividades. Porém, sem uma forte capacidade analítica de interpretar a informação, os esforços das operações contra insurretos podem inutilizar os dados, ao invés de aumentar o conhecimento sobre a situação na área. Desmond Hamill disse que: “O que era necessário então, era que tudo fosse estruturado e unificado de uma forma construtiva e útil”.⁶⁶

O correlacionamento das fatias de informações coletadas pelos esforços de inteligência em operações contra insurretos em uma fotografia

coerente requer o compromisso da força e da capacidade humana.⁶⁷ No início, os militares britânicos com freqüência não envolveram o efetivo necessário para aquele tipo de operação. De acordo com Bruce Hoffman e Jennifer Taw, “Em 1973, o número de militares especialistas em informações de inteligência, responsáveis pela montagem e coleta da informação, era deixado a cargo de cada unidade, mas os números eram comparativamente pequenos, em torno de aproximadamente seis homens em situação de guerra.”⁶⁸ A interpretação e a disseminação eficiente de uma grande quantidade de dados produzidos era muito maior e crescente, dada à necessidade de “ampla organização das informações, trazida pelas tropas de campo, para, posteriormente serem utilizadas.”⁶⁹

Enquanto o uso da inteligência requer capacidade analítica suficiente e tecnológica (capacidade computacional e de base de dados), o mesmo também desempenha um papel importante, entrelaçando os pontos de inteligência de grau inferior dentro de um contexto coerente. Inicialmente, a administração dos dados consiste no uso de bancos de dados, de arquivos e de lista de fotografias de potenciais membros ou simpatizantes do EPRI.⁷⁰ À medida em que o combate contra insurretos se prolonga, esses instrumentos passam a demandar uma base de dados complexa e sistemas de administração de informação computadorizados. A descrição de esforços de inteligência indica que há um sistema de dados sobre veículos (código chamado Vengeful) e um individual (código chamado de Crucible).⁷¹

Normalmente, os dados eram combinados com a coleta proveniente de todas as áreas. Organizações policiais, por exemplo, alimentam o seu sistema de inteligência em um sistema criminal unificado: “O monitoramento de terroristas suspeitos e seus apoios também foram catalogados, sendo os detalhes enviados às agências para combinar as informações. Esses detalhes eram introduzidos em um sistema computadorizado onde era possível fazer a busca de uma referência com informações sobre data e local em que o veículo havia sido acessado.”⁷² Ryder nos diz que: “Cada peça de informação que chegava ao RUC, oriundo de qualquer fonte era catalogada como informação. Os relatórios



AP

Um jovem anda perto de um muro pichado pelo IRA em Belfast, na Irlanda do Norte (4 de março de 2001)

formais de balística de cada incidente eram casados com o mais simples ou inconseqüente detalhe de inteligência.⁷³

Tais sistemas eram construídos e compilados por meio da coleta sistemática de informações e de um banco de dados de infra-estrutura, com dados geográficos de censo e de outras informações descritivas sobre a área e seus habitantes, buscando proporcionar o contexto da coleta de informações de inteligência.⁷⁴ Comprometimentos de tempo e recursos necessários para construir e alimentar tal sistema requerem um investimento inicial, mas em longo-prazo a luta contra um grupo de insurretos permite que esse investimento seja compensado. O sistema se retro-alimenta com o tempo, na medida em que a informação produzida tende a se expandir.

Aspectos de conhecimento de base adicional foram somados ao sistema de colagem de dados para melhorar a análise dos mesmos e o padrão de reconhecimento, possibilitando aplicar técnicas como a análise do tráfico e da rede de

grupo com o propósito de detectar pequenas alterações no comportamento dos suspeitos.⁷⁵ Por exemplo, se o sistema perde o trajeto de um suspeito específico, a atenção passava a ser dirigida à localização desse indivíduo para se determinar as razões relacionadas com essa mudança de comportamento.⁷⁶

O sistema computadorizado com capacidade de recuperação rápida do dados também oferece aos soldados em operação um guia para a sua atuação. Barzilay escreveu que “Soldados realizando patrulha a pé ou motorizada vão em busca de uma pessoa ou um veículo específico. Quando um alvo for capturado, essa informação é transmitida imediatamente para o comando do batalhão que transmite aos oficiais de informações e que passam a mensagem para o computador em segundos. Em muitas bases, em diferentes regiões do Ulster, havia um terminal conectado a um computador. Essa conexão também permitia que o oficial de inteligência ou operador passasse aquela informação para o computador e depois para os soldados no

terreno. Poderia ser uma informação simples sobre um suspeito que se encontrava no mesmo local de rotina ou alguma informação sobre um suspeito que deveria ser abordado com cautela, por ter sido visto envolvido com uma atividade terrorista armada.”⁷⁷

Quando as forças de segurança identificavam uma área ... que membros de grupos de insurretos usavam, as forças de segurança freqüentemente monitoravam tais locais com vídeo e áudio por longos períodos, como um esforço para identificar terroristas e aqueles que lhes davam apoio.

Manter o soldado informado no campo permitia que esses militares gerassem dados ainda em maior quantidade e qualidade. Balizay prossegue dizendo que: “Aqueles que fazem patrulha motorizada, quer sejam da Polícia ou Força Real, ou mesmo um soldado isolado, recebiam um sumário sobre o que deviam procurar e estar alerta no campo. Essa informação era originária, provavelmente, de uma pista da polícia de inteligência criminal, de um ramo especializado ou mesmo de alguma outra fonte que teria sido introduzida no banco de dados do computador (sistema de inteligência).”⁷⁸ Receber tal informação consistia em perceber os benefícios possíveis. Tal fato os incentivou a contribuir com mais informações para o sistema.

Utilizando a Informação em um Combate Prolongado

Nas atividades de inteligência militar, o foco freqüentemente dirige-se para movimentar-se o mais rápido possível, desde o momento de receber a informação até agir sobre ela – movimentando-se de sensor para emissor, assim como é denominado pelo Exército americano – em um esforço de ressaltar todas as informações possíveis. A inteligência em contra terrorismo e combate contra insurretos, algumas vezes leva a uma operação bem

sucedida, na qual os planos dos terroristas e insurretos são interrompidos, adversários são mortos, capturados ou feridos; células são reveladas e condenadas na corte judicial; ou as bases logísticas são capturadas e as linhas de abastecimento interrompidas. Exemplos de tais operações podem ser identificados no decorrer da história da violência na Irlanda do Norte. Porém, em uma guerra de longa duração esses eventos constituem-se em exceções e não em normas. Vitórias de impacto não constituem o resultado mais comum dos esforços de inteligência em um combate contra insurretos – e nem sempre o mais desejado.

Na Irlanda do Norte, a aplicação da inteligência imediata e de modo ativo era arriscada, não apenas para os policiais ou militares, mas também para as fontes de informação, cuja identidade e atividades podiam ser descobertas.⁷⁹ Deve haver um equilíbrio entre agir imediatamente, dispondo da informação que demanda à ação, obtendo-se uma vitória local ou manter a vigilância como um esforço de compreender completamente as ações e planos dos insurretos, conduzindo a batalha para um momento ainda de maior sucesso no futuro.⁸⁰ Esse equilíbrio necessita de estratégias diferentes para agir com inteligência em um contexto do combate contra insurretos.

Em virtude do risco de se revelarem as fontes e os métodos de inteligência, na Irlanda do Norte foi mais usual frustrar os oponentes do que atacá-los diretamente. Por exemplo, tendo-se conhecimento de que um ataque terrorista estava planejado as forças de segurança davam forma ao contexto, de modo que o EPRI terminava por desistir da operação. Urban nos disse que “uma equipe do IRA lançada para assassinar um membro das forças de segurança não prosseguiria no ataque se ela percebesse vários policiais de segurança, talvez detendo veículos para inspecioná-los nas proximidades de sua base. Os policiais ou soldados envolvidos nessa operação, na maioria das vezes, nem sabiam das razões que justificavam sua presença naquele local.”⁸¹

Tal operação de interromper uma atividade nem sempre deve envolver uma ação por parte das forças de segurança. Urban continuou dizendo que “um oficial de inteligência relatou

um incidente, no qual uma equipe do IRA iria viajar por uma determinada rota para um ataque. As forças de segurança simularam um acidente de carro na estrada. Não havia um alvo para atuar, porém a hipótese era de que os terroristas no carro ficariam nervosos com a espera na fila, imaginando que a polícia poderia chegar a qualquer momento. Esta simulação funcionou.⁸²

Outras estratégias incluíram, simplesmente, privar os terroristas de seu alvo. Se uma informação de uma emboscada planejada para uma patrulha da força de segurança vinha de uma fonte de apoio, aquela área ficava fora dos limites da patrulha, significando que o EPRI estaria lá esperando e pronto para atacar um alvo que nunca iria aparecer.⁸³ Deslocamentos mais discretos das forças de segurança eram usados para distrair os terroristas em guarda quanto ao rumo de uma rota e também para influenciá-los em como iriam relatar o risco das operações planejadas nas proximidades de uma base ou do local das forças de segurança.⁸⁴

Essa abordagem de aplicação da inteligência, em que as forças de segurança, essencialmente, não provocam dano a nenhum dos lados e as operações dos terroristas são eliminadas, demanda um combate de longo prazo. Ela reconhece que existe valor em frustrar uma operação, enquanto são preservadas as fontes de inteligência, em lugar de se usar uma tática de ataque imediato. Enquanto se atua dessa forma, não se enfrenta diretamente o pessoal ou armamento dos insurretos, porém limita-se a liberdade de suas organizações e toma-se o seu tempo no planejamento de atividades que não serão executadas.

Mudando o Vocabulário no Combate contra Insurretos

O Departamento de Defesa Americano recentemente adotou o termo de Guerra Prolongada, para descrever o confronto no Iraque e a Guerra Global Contra o Terrorismo. Tal mudança no vocabulário é significativa, dado que a maior parte do planejamento militar americano contemporâneo tem mantido o foco no combate de curto prazo, combinando força, precisão, agilidade e velocidade para proporcionar uma vitória rápida. Porém, vencer uma guerra,

definitivamente, importa mais do que assumir que a guerra deva ser combatida e vencida em diferentes etapas. Assim como na experiência britânica, demonstrada na Irlanda do Norte, muito mais do que assumir o caráter duradouro do combate, os Estados Unidos deverão realizar uma série de mudanças, se pretendem estruturar novas organizações capacitadas para vencer tal conflito. Vencer uma guerra de longa duração é diferente do que vencer, sucessivamente, várias guerras de curta duração. Ao contrário, vencer uma guerra duradoura requer a aplicação de instrumentos totalmente diferentes, algumas vezes instrumentos antiéticos, distintos daqueles usados em uma vitória rápida e decisiva.

Talvez de modo não surpreendente, a Irlanda do Norte ofereça muitos exemplos de organizações estruturadas, tanto para a busca de uma vitória rápida quanto para a manutenção de operações de longa duração. Quando partiram, os britânicos não imaginavam a possibilidade de estarem envolvidos em um combate por várias décadas e suas ações iniciais não tinham em mente os requisitos necessários de um conflito de longo prazo.⁸⁵ De acordo com Graham Ellison, as organizações policiais envolvidas adotaram a postura de um Exército que acreditava na possibilidade de uma ação em força para apertar o cerco sobre os terroristas e vencer a guerra em curto prazo.⁸⁶

O mesmo foi verdade para o EPRI. No começo o EPRI abordou a guerra a partir de uma perspectiva de que “apenas mais um combate” iria forçar os britânicos a se retirarem da Irlanda do Norte. A organização somente abandonou essa visão muito tempo depois, partindo para uma postura em que sua meta era sobreviver em um combate de longa duração, integrando sua ação violenta com uma estratégia política mais explícita.⁸⁷ Ambos os lados mudaram com o tempo, pois suas estratégias estavam voltadas para um combate rápido, utilizando, principalmente os meios militares, que, no entanto, produziram resultados insatisfatórios e, que, com frequência, comprometiam os seus interesses.

Para as organizações de segurança, realmente a adoção de uma abordagem de guerra duradoura conduz a mudança de um conflito decisivo para uma operação paciente. Isso significa entender

como as forças de segurança contribuem ou dificultam politicamente com outros esforços contra os insurretos. É importante considerar o impacto geral das ações de segurança, porque muitas atividades de inteligência contra os insurretos não produzem resultados militares claros, que podem ser medidos pelo número de ações efetivas contra adversários ou de material destruído. A coleta extensa de dados sobre indivíduos nas áreas de responsabilidade e as reuniões para as críticas ao término das missões, ainda que parecessem diferir das práticas tradicionais dos militares, funcionam.

De modo similar, uma operação maior pode limitar a ação, talvez somente interditando os planos dos insurretos ou mesmo tendo a oportunidade de atacar um alvo identificado como meio de se obter uma informação necessária. Em razão de que a inteligência militar normalmente atua na busca da coleta de informações e de uma lista de suspeitos é difícil dispensar o atrativo de um alvo valorizado em troca de um benefício futuro. Paciência e disciplina, entretanto, sem vitórias táticas diversificadas, podem vencer os insurretos.

As variações de uma operação contra insurretos tornam a coleta, a aplicação e a análise de dados de inteligência diferentes de uma operação de

inteligência militar tradicional, no qual são otimizados para uma ação rápida e decisiva. Os ciclos prolongados de coleta e análise de informações e, algumas vezes, o uso dos dados, tornam difícil avaliar os resultados da inteligência no combate contra insurretos em termos puramente militares. Por exemplo, quando os resultados de um combate extenso conduzem a uma estabilização ou a um empate, a utilidade do componente militar em uma atividade pode parecer limitada; entretanto, no contexto dos esforços político-militares integrados deve existir uma grande utilidade em tal abordagem em longo prazo. Quando você neutraliza a capacidade do inimigo de causar danos, você abre oportunidades para outras ações, juntamente com alternativas para a operação.

Considerando que os combates contra insurretos são concluídos por meios políticos, a missão das forças de segurança talvez não seja destruir a organização de insurretos e seus membros. Talvez, seja simplesmente prevenir que os insurretos transformem o ambiente em violento. Quando as forças de segurança efetivamente neutralizaram os insurretos, tornando-os impotentes, uma ação mais abrangente na esfera política e em outras frentes, pôde alcançar importância e levar à rendição. **MR**

REFERÊNCIAS

1. Veja, por exemplo, Conor O'Neill, "Terrorism, Insurgency and the Military Response from South Armagh to Falluja," *RUSI* (2004): 22-25, disponível em: <www.rusi.org/publication/journal/ref:P417394Ce896ae/>.

2. Para exemplificar, eu faço referência ao conflito contra o IRA, apesar de que as atividades na Irlanda do Norte ocorreram diante de uma ampla variedade de organizações terroristas.

3. Integrante da polícia anteriormente entrevistado pelo autor, março de 2004, Irlanda do Norte.

4. RYDER, Chris, *A Special Kind of Courage: 321 EOD Squadron-Battling the Bombers* (Londres: Methuen, 2005), 47.

5. Veja por exemplo, COOGAN, Tim Pat, *The IRA: A History* (Niwot, CO: Roberts Rinehart Publishers, 1993), capítulo. 16; HAMIL, Desmond, *Pig in the Middle: The Army in Northern Ireland, 1969-1984* (Methuen, 1985), capítulo 1-2.

6. BARZILAY, David, *The British Army in Ulster*, vol. 2 (Belfast, UK: Century Books, 1975).

7. No início do conflito, ações em alvos inadequados, tais como operações de larga escala, fortaleceram e não combateram os grupos de terroristas. (Ver Coogan.)

8. HOFFMAN, Bruce e TAW, Jennifer, *A Strategic Framework for Countering Terrorism and Insurgency* (Santa Monica, RAND Corporation, 1992), disponível: <www.rand.org/pubs/notes/N35061/>; URBAN, Mark, *Big Boys' Rules: The Secret Struggle Against the IRA* (Faber & Faber, 1992).

9. BELL, J. Bowyer, "The Irish Troubles Since 1916," *Columbia International Affairs Online*, 2002, disponível em: <www.isn.ethz.ch/pubs/ph/list.dfm?v21=60981&v33=60242&click52=60242>.

10. Brendan Hughes citado no livro de TAYLOR, Peter, *Brits: The War Against the IRA* (London: Bloomsbury, 2001), 302.

11. Uma riqueza de informação está disponível na literatura, incluindo narrativas

na primeira pessoa, de indivíduos em ambos os lados, tornando possível explorar essas questões em muito mais detalhes do que foi possível em muitas outras campanhas. Fontes disponíveis incluem memórias de indivíduos de inteligência militar e organizações de operações militares, organizações policiais, unidades militares britânicas operando na Irlanda do Norte e unidades não militares; e por infiltrados e informantes de grupos paramilitares ou de terroristas. Também de valor são os trabalhos de observação de indivíduos ou análises realizadas por meio de atividades de inteligência e de forças de segurança em operações de conflito.

12. CHARTERS, David A. , "Intelligence and Psychological Operations in Northern Ireland," *RUSI* (1997): 22-27 (originalmente publicados no *Journal of the Royal Services Institute for Defense Studies* 122); HOFFMAN e TAW, 87.

13. MAGUIRE, Keith, "The Intelligence War in Northern Ireland," *International Journal of Intelligence and Counterintelligence*, vol. 4 (1990): 145-65.

14. URBAN, 255. As várias normas e agências são também discutidas em GERAGHTY, Tony, *The Irish War: The Hidden Conflict Between the IRA and British Intelligence* (Baltimore, MD: The Johns Hopkins University Press, 2000), 130-31; RENNIE, James, *The Operators: On the Street with Britain's Most Secret Service* (South Yorkshire, UK: Pen & Sword Military Classics, 2004), 176.

15. BARZILAY, vol. 1, 1973, 222.

16. ELLISON, Graham e SMYTH, Jim, *The Crowned Harp: Policing Northern Ireland* (London: Pluto Press, 2000); HOFFMAN e TAW, 97; URBAN, 18-24; GERAGHTY, Inside the S. A. S. : *The Story of the Amazing Elite British Commando Force* (Nova Iorque: Ballantine Books, 1980), 165-69; HOLLAND, Jack e PHOENIX, Susan, *Phoenix: Policing the Shadows* (Londres: Hodder and Stoughton, 1996), 139, 287; BAMFORD, Bradley H. C. , "The Role and Effectiveness of Intelligence in Northern Ireland," *Intelligence and National Security*, vol. 20, no. 4 (2005): 581-607, 586.

17. CHARTERS; HOLLAND e PHOENIX, 187.

18. RYDER, *A Special Kind of Courage*, 53.
 19. URBAN, 20, 22.
 20. RYDER, *The RUC 1922-1997: A Force Under Fire* (London: Mandarin, random House UK, 1995), 157. Também ver GERAGHTY, *The Irish War*, 136.
 21. GERAGHTY, *The Irish War*, 151.
 22. BAMFORD, 593.
 23. Entrevista com um membro policial.
 24. HOFFMAN e TAW 22-23, 94-95.
 25. URBAN, 95.
 26. HOLLAND e PHOENIX, 223-28.
 27. Veja também BOWLIN, Mark, *British Intelligence and the IRA: The Secret War in Northern Ireland, 1969-1988* (Tese de Mestrado, Temas de Segurança Nacional, Escola Naval de Pós-Graduação, Monterey, Califórnia, 1998) para discussão dos benefícios alcançados, a partir da coordenação das organizações de Inteligência. A doutrina atual do Reino Unido sobre o combate contra insurretos descreve o processo de coordenação e administração de inteligência em grandes detalhes. Veja o Manual de Campanha do Exército dos EUA FM 1. 0, *Operações de Armas Combinadas (Combined Arms Operations)*, vol. 1, part 10, "Operações de Contra Insurgência (Diretrizes Estratégicas e Operacionais)" (Washington, DC: U. S. Government Printing Office, 2001)", capítulo. 6, Inteligência.
 28. Ibid.
 29. JACKSON, Brian A., "Groups, Networks, or Movements: A Command-and-Control-Driven Approach to Classifying Terrorist Organizations and Its Application to al Qaeda," *Studies in Conflict and Terrorism* 29, 3 (Abril-Maio 2006).
 30. MAGUIRE, 152.
 31. A idéia de que uma boa inteligência apoia-se nos olhos e ouvidos da força, ecoa nos esforços atuais do Exército fazendo "de cada soldado um sensor"; na realidade, entretanto, o soldado é mais do que um simples sensor, dado que os indivíduos possuem a capacidade de processamento e a habilidade de avaliar a informação, para diferenciar o que representa algo importante e diferente de um falso positivo. O sistema tecnológico simples não é capaz de fazer essa discriminação. Para outras informações, veja online: <www. army. mil/professionalvideo/movies/sensor. html>.
 32. Entrevista com membro policial.
 33. CHARTERS; HOFFMAN e TAW 90.
 34. DILLON Martin, *The Dirty War* (Londres: Arrow Books, 1991), 409.
 35. Maximizar a eficiência de patrulhamento para unir as informações também requer mudanças nas repostas das unidades, frente à situação e ao ambiente hostil. Por exemplo: "O procedimento clássico dos soldados sob fogo, na busca de proteção e na resposta ao fogo. Segundo as táticas do EPRI de disparar e buscar espaço, os soldados tiveram que aprender que a única forma de ser bem sucedido, era deslocar-se rapidamente na direção das casas cercadas. Existem três razões para esse novo procedimento. Primeiro, se eles se moverem rapidamente eles podem encontrar alguém ou pelo menos os armamentos. Segundo, se o enfrentamento foi sangrento, as pessoas dentro da casa estariam em estado de choque e podem dizer coisas que normalmente não diriam. E em terceiro, quanto mais casas eles visitassem menor seria a probabilidade de que aqueles que falassem pudessem ser identificados. Porém, existem riscos em usar essa tática regularmente, porque poderia se montar uma patrulha para uma emboscada devastadora" (HAMILL, 140-41).
 36. DEWAR, Michael, *The British Army in Northern Ireland* (Swindon, Wilts, UK: Guild Publishing, 1985), 182-83.
 37. BARZILAY, vol. 2, 218.
 38. DEWAR, 181. 39. HAMILL, 243.
 40. Tornar ostensiva a informação pública apresenta riscos óbvios. O EPRI usou tais sistemas para injetar informações errôneas dentro do sistema policial, para levar as forças de segurança para locais de emboscadas. Veja GERAGHTY, *The Irish War*, 52; BARKER, Alan, *Shadows: Inside Northern Ireland's Special Branch* (Edimburgo, Escócia: Mainstream Publishing, 2004), 101-102, 115; BARZILAY, vol. 1, 221-22; HOFFMAN e TAW 96; *The RUC*, 124-25; MACSTIOFÁIN, Sean and CREMONESI, Gordon, *Memoirs of a Revolutionary* (Edimburgo, Escócia: R & R Clark, Ltd., 1975), 331, bem como "entrevista de um membro policial" (acima). O desenvolvimento de processos sobrepostos requer sistemas de informação e práticas de especialistas em avaliação e validação, provavelmente imperfeita de dados de inteligência. A superposição pode necessitar de pesquisa adicional e de operações de monitoramento. (Ver BARKER, 115.)
 41. BARZILAY, vol. 2, 218.
 42. Ibid., vol. 4, 24-25.
 43. HAMILL, 141.
 44. MAGUIRE, 152.
 45. ELLISON e SMYTH. O valor do interrogatório como fonte de vários tipos de Inteligência reforça a importância das forças de segurança, havendo a capacidade de comunicar na linguagem local. O interrogatório freqüentemente requer comunicação com indivíduos por tempo prolongado. O limite dos membros da força de segurança (especialmente aqueles treinados em processos de interrogatório) quanto ao poder de se comunicar diretamente com prisioneiros pode tornar o interrogatório difícil, particularmente se o número de detentos começa a exceder o número de interrogadores treinados e habilitados no idioma. A pressão para "falar com todos"

pode abreviar os interrogatórios reduzindo o potencial de tomar informações importantes de cada detento.
 46. CHARTERS; HAMILL, 60-61.
 47. Embora o limite desse artigo não nos permita explorar completamente as técnicas de interrogatório, é importante notar que a eficiência da operação contra insurretos requer uma variedade de informações que pode ser coletada pelo interrogatório. Apesar de que o foco do interrogatório freqüentemente está na natureza tática (buscar detalhes sobre futuras operações), a informação estratégica para oferecer uma visão mais geral sobre as organizações de insurretos também é necessária. Como resultado, os interrogadores devem estar devidamente treinados para operações contra insurretos, de forma a garantir que o valor integral das operações de interrogatório possa ser alcançado. (Ver GERAGHTY, *The Irish War*, 60-61.) O uso do segredo oficial e operacional para proteger as atividades de inteligência constitui um esforço para evitar os efeitos negativos das atividades de inteligência na opinião pública, mas pode simplesmente reduzir a sua quantidade.
 48. GERAGHTY, *The Irish War*, 51.
 49. URBAN, 108.
 50. CHARTERS; BARKER, 56.
 51. DEWAR, 177-88; DILLON, 32-33.
 52. DILLON, 409; também ver BARZILAY, vol. 3, 142.
 53. DILLON, 32-33; HOLLAND e PHOENIX, 113-17; BARZILAY, vol. 4, 28; RENNIE, 15.
 54. BARZILAY, vol. 2, 215.
 55. BARKER, 43; BARZILAY, vol. 4, 23-28; BARZILAY, vol. 3, 106; URBAN, 45, 47; ELLISON e SMYTH; FORD, Sarah, *One up: A Woman in Action with the S. A. S.* (Londres: HarperCollins, 1997), 2-3, 155-56; RENNIE.
 56. HOFFMAN e TAW, 90.
 57. URBAN, 119.
 58. BARZILAY, vol. 1, 76; DILLON, 409, 411-12; GERAGHTY, *The Irish War*, 131; URBAN, 118.
 59. ADAMS, James, MORGAN, Robin, e BAMBRIDGE, Anthony, *Ambush: The War Between the SAS and the IRA* (Londres: Pan Books, 1988), 3-5; DILLON, 398-401; GERAGHTY, *The Irish War*, 134-35, 147; Taylor, 248.
 60. DILLON, 409-11; GERAGHTY, *The Irish War*, 134-35.
 61. BARKER, 133; DEWAR, 76-77; BARZILAY, vol. 4, 28.
 62. DILLON, 398-99; RENNIE, 221-23; GERAGHTY, *The Irish War*, 135.
 63. DILLON, 398-401; MCGARTLAND, Martin, *Fifty Dead Men Walking* (Londres: Blake Publishing, Ltd, 1997), 116, 144; FORD, 162.
 64. FORD, 205; RENNIE, 173; URBAN, 118-19; DILLON, 401-402; MCGARTLAND, 258; GERAGHTY, *The Irish War*, 147.
 65. URBAN, 118-19; DILLON, 401-402.
 66. HAMILL, 242.
 67. STYLES, George C. e PERRIN, Bob, *Bombs Have No Pity: My War Against Terrorism* (Londres: William Luscombe, 1975), 111.
 68. HOFFMAN e TAW 90; veja também HAMILL, 134-35.
 69. HOFFMAN e TAW 90.
 70. BARKER, 94; URBAN, 116.
 71. BARKER, 57; BARZILAY, vol. 4, 24; GERAGHTY, *The Irish War*, 158-59; URBAN, 115-17; 72. HOFFMAN e TAW, 91; BARKER, 57.
 73. RYDER, *The RUC*, 160.
 74. DEWAR, 177-88; CHARTERS; HAMILL, 134-35; BARKER, 94-95.
 75. GERAGHTY, *The Irish War*, 160; VAN METER, Karl M., "Terrorists/Liberators: Researching and dealing with adversary social networks," *Connections* 24 (2002): 66-78, 68-69, disponível em: <www. insna. org/Connections-Web/Volume24-3/Karl. van. Meter. web. pdf>.
 76. A Segurança no Serviço de Inteligência Canadense (Canadian Security Intelligence Service — CSIS), Irish Nationalist Terrorism Outside Ireland: Out-of-Theatre Operations 1972-1993, 1994, 2005 (O Terrorismo Nacionalista Irlandês Fora da Irlanda: Fora do Teatro de Operações 1972-1993, 1994, 2005); DILLON, 406.
 77. BARZILAY, vol. 4, 24.
 78. Ibid., 25. Deve ser notado que mesmo na Irlanda do Norte, onde múltiplos ataques com bombas ocorreram a cada dia, durante os períodos de violência, questões surgiram sobre como os esforços de coleta de inteligência afetavam os direitos de privacidade dos indivíduos. (veja BARZILAY, vol. 4, 23.)
 79. O'LOAN, Nuala, "Independent Investigation into Police Conduct in na Environment of Terrorism," na Oitava Conferência Anual de NACOLE, Cambridge, Massachusetts, 1 de novembro de 2002, disponível em: <www. nacle. org/Oloan_11_02. html>.
 80. URBAN, 107; FORD, 206.
 81. URBAN, 213.
 82. Ibid.
 83. MCGARTLAND, 77, 175-78.
 84. URBAN, 207, 213.
 85. BARZILAY, vol. 2.
 86. ELLISON e SMYTH.
 87. DRAKE, C. J. M., "The Provisional IRA: A Case Study," *Terrorism and Political Violence*, vol. 3 (1991): 43-60, 47.